



Reunião de capacitação da equipe de Saúde em Afrânio (PE).



Equipe de Saúde faz visitação em Paranaíta (MT).

## Ensaio clínico poderá se incorporar ao protocolo nacional de tratamento da hanseníase

Cinquenta mil pessoas que tiveram contato com portadores de hanseníase - doença infecciosa que afeta primordialmente a pele - farão parte de uma atividade de intervenção e pesquisa que está sendo realizada em 16 municípios de Mato Grosso, Tocantins e Pernambuco.

Alinhado ao protocolo proposto internacionalmente pela Organização Mundial de Saúde (OMS), pela Federação Internacional de Associações de Combate à Hanseníase (ILEP, na sigla oficial) e Fundação Novartis, o ensaio clínico consiste na administração de um dose única de rifampicina - antibiótico bactericida - em, pelo menos, 20 pessoas que tiveram contato com casos novos da doença, mais aplicação da vacina BCG.

A hanseníase é curável, mas se não tratada pode ser preocupante. O projeto que desenvolve esse ensaio clínico controlado tem nome complicado - PEP-Hans: Operacionalização da Profilaxia Pós-Expo-

sição com Imuno e Quimioprofilaxia para os Contatos de Hanseníase -, mas é de fácil entendimento, conforme explica abaixo a coordenadora científica da ação, professora Eliane Ignotti.

Ela é doutora em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) e coordena o Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat) e é docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Unemat, onde está institucionalizado, e é vinculado à Faculdade de Medicina da UFMT. Em 2016, foi executado com recursos do Ministério da Saúde, via Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), por meio de carta acordo firmada com a Fundação Uniselva. Segundo Ignotti, o projeto é

prioritário para o Ministério da Saúde e já vem sendo realizado, com apoio da Fundação Novartis, em outros seis países.

“Estamos fazendo uma experiência piloto de uma intervenção que já é recomendada como nova tecnologia para o SUS [Sistema Único de Saúde], mas que nunca havia sido testada na rotina dos serviços. É uma intervenção que tem efetividade demonstrada em ensaios clínicos controlados realizados em países asiáticos e deverá ser incorporada ao protocolo nacional”, detalha.

*“Acho extraordinário o apoio da Uniselva. Como pesquisadores, nós não temos como tratar esse suporte administrativo, não somos preparados para executar essas atividades e não temos tempo. Espero trazer outros projetos para a Fundação”*

Professora **Eliane Ignotti**, coordenadora científica do projeto.

### Coordenadora explica como é feita a intervenção



Profª Eliane Ignotti, coordenadora do projeto.

O projeto teve início em abril de 2016. Os dois primeiros anos são dedicados às intervenções feitas em campo pelos profissionais de saúde de cada localidade, os outros cinco anos serão dedicados ao acompanhamento e avaliação. A escolha dessas 16 cidades em Mato Grosso, Tocantins e Pernambuco levou em conta os altos índices endêmicos da doença e se possuíam coordenações estaduais e municipais do Programa de Hanseníase consolidadas.

A intervenção não é feita em capitais devido ao grande fluxo de pessoas. A ação é feita da seguinte maneira: as equipes de profissionais da saúde dos municípios visitam os contatos. Contatos são as pessoas que moram na mesma casa do doente, os vizinhos e os contatos sociais - pessoas que têm um convívio de, em média, 20 horas semanais com o doente. Quem fica meio período por dia com o doente já é considerado um contato social.

“Hanseníase é uma doença infecciosa, em que os indivíduos que adoecem são tratados com um conjunto de antibióticos. Tem-se um protocolo de tratamento definido e padronizado pro mundo inteiro há muitos anos. O que está sendo feito nesse projeto é medicar com antibiótico os contatos dos doentes para reduzir a transmissão e a incidência da doença”, destaca a coordenadora do projeto, Eliane Ignotti.

A transmissão da hanseníase se dá através de contato íntimo e contínuo com o doente não tratado. Nesse projeto, “os contatos recebem um único comprimido de rifampicina. Além disso, no Brasil, diferente de outros países, os contatos de casos de hanseníase são vacinados com BCG, que é a vacina contra formas graves de tuberculose”, pontua.

E por que a aplicação da vacina BCG? A vacina contra a tuberculose (BCG - Bacilo de Calmette-Guérin) é elaborada a partir de uma bactéria atenuada de origem bovina (*Mycobacterium bovis*), que é semelhante ao microorganismo causador da doença (*Mycobacterium tuberculosis*). No entanto, a BCG não impede a infecção e nem o desenvolvimento da tuberculose pulmonar, mas pode conferir certo grau de proteção para a meningite tuberculosa e para as formas disseminadas da doença.